



Arquivo enviado em
06/01/2017
e aprovado em
22/06/2017.

V. 7 - N. 13 - 2017

*Doutor em História Social pela UFRJ e em Ciência da Religião pela UFJF. Professor no PPCIR-UFJF e nos Bacharelados em Ciências Humanas e em Ciência da Religião ICH-UFJF. Pesquisador líder do NEPROTES (Núcleo de Estudos em Protestantismo e Teologias - UFJF/CNPq). E-mail para contato: huffjr_@hotmail.com.

**Doutorando em Ciência da Religião (Religião, Sociedade e Cultura) pela Universidade Federal de Juiz de Fora. Integrante do Grupo de Pesquisa - NEPROTES (Núcleo de Estudos em Protestantismo e Teologias - UFJF/CNPq). E-mail para contato: montanhista-ms@hotmail.com.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. Religião: crítica e criatividade. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

*Arnaldo Érico Huff Júnior**

*Marcelo Lopes***

A obra ora em tela constitui-se num ensaio relativamente breve em extensão, mas denso em conteúdo.

Trata-se de um escrito ensaístico acerca da religião, construído em oito tópicos, nos quais o autor trabalha a questão da crítica feita à religião, mormente a crítica moderna, mas também aborda a questão da criatividade religiosa, sobretudo o aspecto de sua potencialidade crítica. Percebe-se, portanto, que o título da obra espelha, de modo fiel, o seu conteúdo.

O autor, Antonio Carlos de Melo Magalhães, é doutor em teologia pela Missionsakademie an der Universität Hamburg (1991) e tem ampla experiência docente. Atuou inicialmente na própria Missionsakademie e foi, depois disso, du-

rante muitos anos, professor do Programa de Pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Metodista de São Paulo. Atualmente, é professor da Universidade Estadual da Paraíba, em seu Programa de Pós-graduação em Literatura e Interculturalidade.

Magalhães inicia sua reflexão fazendo um questionamento: A religião é a responsável pelas desgraças do mundo? A resposta a tal indagação não é direta. Mesmo reconhecendo que há justificativas plausíveis que poderiam ensejar uma resposta afirmativa, o autor busca ampliar horizontes problematizando a questão da crítica endógena ao fenômeno religioso. Segundo Magalhães, “a crítica religiosa à religião faz parte da história das profecias e da intelectualidade no ocidente, (...) [de modo que,] a primeira crítica à religião nasce dentro de si mesma. [Isso porque] a religião conhece, num exercício de autocrítica, os perigos que ela mesma representa”¹.

No lastro da asserção acima, o autor pontua, no segundo tópico do ensaio, que a crítica moderna à religião, a qual preconizava a caducidade e a inevitável obsolescência desta, na medida inversamente proporcional ao avanço daquela, não ocorreu conforme profetizado. Nesse sentido, é patente que “a modernidade avançou, mas a religião também. A modernidade agoniza, a religião recupera lugares perdidos”². Entrementes, emerge no texto uma contribuição bastante significativa ao campo de estudos das religiões, aliás, mais precisamente, aos estudiosos do fenômeno religioso. Magalhães, na linha de uma interpretação mais substantiva, assevera que “a religião não deveria ser mais estudada como fenômeno explicado a partir de outro, mas como algo *sui generis*, que precisa ser lido e interpretado a partir de seus sistemas internos de referência com alcances enormes em diferentes âmbitos da vida”³. O autor encerra o segundo tópico sublinhando a fragilidade da

1.MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *Religião: crítica e criatividade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012. p. 8-9.

2.MAGALHÃES, 2012, p. 12.

3.MAGALHÃES, 2012, p. 14-15.

crítica moderna à religião em função, sobretudo, do que ele denomina de “equivocos epistemológicos e hermenêuticos”. Magalhães tem, todavia, o mérito de reconhecer que em função dos sofrimentos das muitas pessoas que foram vítimas da religião, tal crítica tenha contribuído de algum modo para que não se esqueça do potencial maléfico da religião.

No terceiro tópico intitulado: sobre verdade e gratuidade; observa-se inicialmente uma problematização em torno da questão da verdade. Conforme aponta Magalhães, a verdade está no campo da linguagem, e, portanto, do humano, necessariamente provisório e passageiro. “A verdade é, portanto, adaptável, relacional”⁴. Num contraponto, o autor assevera que a religião existiu entre a verdade e a gratuidade. Esta última remete à dimensão religiosa “da bondade, do prazer, da entrega, do bem-fazer sem a lógica da retribuição ou da compensação”⁵. Relaciona-se à graça, ao perdão, não à condenação. Assim, “a verdade sem gratuidade rapidamente desemboca na intolerância e na falta de prazer, além de cultivar o ressentimento e a sensação de desprezo ao mundo”⁶. Magalhães associa, por fim, o perdão à força e não à ingenuidade, de modo que somente os livres vivem em gratuidade. Nesse sentido, a gratuidade e não somente a verdade, é fundamental para a religião.

A teologia sob juízo é o título do quarto capítulo. Nesse tópico o autor inicia sua abordagem deslocando a teologia de seu lugar atual. Segundo Magalhães, “a teologia não é ciência, muito menos ciência da fé, ela é, tão somente, discurso, fala, narrativa, sistematização de práticas, crenças, desejos, aspirações, perspectivas, textos”⁷. Na sequência, faz uma diferenciação entre a teologia eclesial ou institucional que, em seu entender, tende à normatização e abdica, em certa medida, do exercício da autocrítica.

Por outro lado, Magalhães afirma haver “outra teologia que dispensa

4.MAGALHÃES, 2012, p. 22.

5.MAGALHÃES, 2012, p. 24.

6.MAGALHÃES, 2012, p. 25.

7.MAGALHÃES, 2012, P. 27.

este acordo prévio de submissão ao poder dos que dizem o que é ou não permitido, e se propõe como teologia que ousa pensar a religião a partir de suas memórias perigosas, ainda que estas tenham sido sempre frágeis ou soterradas pelos discursos mais poderosos”⁸. Por fim, o autor admite que ambas as teologias estão sob o signo da pluralidade, passíveis, portanto, de sofrerem influência e serem transformadas. Nesse sentido, permanece a potencialidade crítica também nas teologias.

O cerne do quinto tópico é a crítica à religião. Magalhães desloca o eixo interpretativo da crítica à religião feita pelo espírito iluminista para a crítica que advém da dor. O autor coloca que

a crítica à religião não é mero fruto de uma herança recente, marcada pelas luzes e por seu séquito de intelectuais sedimentado pela suspeita acerca da religião. (...) A crítica nasce com o espírito de denúncia, de revolta. Sim, não vamos delegar a um plano de pura intelectualidade, de exercício de abstração, algo que nasce na convulsão de homens, mulheres e crianças⁹.

Ainda nesse quinto tópico, o autor pondera acerca de uma possível e provável afinidade entre a crítica sistemática e o surgimento da religião. Trata-se da constatação de que

a religião não nasce nas estratégias de poder, não tem o seu nascedouro nas colonizações, não tem sua origem primeira em estratégias de governantes em seu domínio dos corpos e dos pensamentos, antes ela nasce da dor, do desamparo, da ausência e da finitude. A religião, quando nasce, é primeiramente um grito de dor primordial, é o reconhecimento de nosso ser-para-a-morte, a impossibilidade de nos realizarmos, o enfrentamento de nossa dolorosa finitude. Daí ser a religião tão antiga quanto a humanidade, por esta nascer com sua dor de ser passageira e frágil¹⁰.

Percebe-se aqui um alinhamento do pensamento de Magalhães com

8. MAGALHÃES, 2012, P. 28.

9. MAGALHÃES, 2012, p. 31.

10. MAGALHÃES, 2012, p. 33-34.

o de Rubem Alves. Segundo Alves,

símbolos assemelham-se a horizontes. Horizontes: onde se encontram eles? Quanto mais deles nos aproximamos, mais fogem de nós. E, no entanto, cercam-nos atrás, pelos lados, à frente. São o referencial de nosso caminhar. Há sempre os horizontes da noite e os da madrugada... As esperanças do ato pelo qual os homens criaram a cultura, presentes em seu próprio fracasso, são horizontes que nos indicam direções. Essa é a razão por que não podemos entender uma cultura quando nos detemos na contemplação de seus triunfos técnicos/práticos. Porque é justamente no ponto no qual ela fracassou que brota o símbolo, testemunha das coisas ainda ausentes, saudade de coisas que não nasceram... Aqui surge a religião, teia de símbolos, rede de desejos, confissão de espera, horizonte dos horizontes, a mais fantástica e pretenciosa tentativa de transubstanciar a natureza¹¹.

A afinidade entre a crítica sistemática à religião e o surgimento da religião a que se refere Magalhães nesse tópico, reside no pressuposto de que ambos tocam em dimensões fulcrais da vida humana no que tange à produção de sentido. Para o autor, Deus está no centro da questão, pois “se Deus existe, então a vida precisa se posicionar em relação a ele, mas se ele não existe então fatalmente a vida também tem que reportar a uma ausência”¹².

A religião como fonte da crítica à religião é o mote que anima o sexto tópico do livro. Magalhães inicia sua reflexão pontuando que há a necessidade de superar a impressão de que a crítica à religião deve ser feita somente no âmbito acadêmico ou intelectual externo à própria religião. Em seguida, destaca a herança do monoteísmo em relação à crítica, à suspeita e à dúvida em relação à própria religião. Para o autor, no monoteísmo, a “crença nasce de uma desconfiança em relação à própria crença, de uma suspeita da confiança exacerbada nas tradições que

11. ALVES, Ruben. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 2002. p. 23-24.

12. MAGALHÃES, 2012, p. 34.

fomentam a crença”¹³.

Assim, o monoteísmo se configuraria como uma espécie de anti-religião, ou ao menos traz consigo essa significativa herança. “Mas isto não funciona somente como visão da outra religião, mas da alteridade dentro da própria religião que critica. Se considerarmos com cuidado as diferentes identificações das ameaças, algumas delas são internas, são voltadas contra a própria religião”¹⁴. A verdade, o exclusivismo e o rigor ético marcaram os monoteísmos. E justamente “esta busca pela verdade, o questionamento sobre o que manifesta a verdade, é algo que faz com que a religião se torne crítica das práticas religiosas. A religião que volta contra si mesma”¹⁵.

O sétimo tópico trabalhado no livro trata especificamente de textos bíblicos. Inicialmente, Magalhães retorna à discussão das duas teologias já abordadas anteriormente. Destaca as incongruências do texto bíblico, bem como sua ambiguidade, que é comum ao fenômeno religioso. Por outro lado, o autor assevera que existe sim, crítica à religião dentro da literatura bíblica. Essa crítica decorre da exposição, no texto sagrado, dos desejos inerentes ao humano, inclusive em sua relação com o divino, que o expõe em suas situações-limite. Magalhães toma como exemplo a narrativa bíblica da criação e queda do homem e, para articular sua argumentação, o autor trabalha o desejo, sobretudo o desejo pelo conhecimento, como sendo criação de Deus e, portanto, constitutivo do ser humano.

O último tópico trata da celebração e da comensalidade na religião. Para o autor, há um vínculo essencial entre festa, comida e religião, e, sua dissociação é devida à historiografia ocidental, excessivamente viciada em seus hábitos intelectualistas. Magalhães sublinha que nas religiões constitutivas da matriz religiosa brasileira, quais sejam: a indígena, o catolicismo ibérico e a africana; a festa e a comensalidade

13.MAGALHÃES, 2012, p. 38.

14.MAGALHÃES, 2012, p. 43.

15.MAGALHÃES, 2012, p. 44-45.

tenham valor não negligenciável. Assim, por exemplo, “religião, festa e comida são de máxima relevância para os estudos sobre a alimentação no Brasil e sobre as formas possíveis de constituição de vida digna para as pessoas”¹⁶. Mais ainda, conclui Magalhães: “a religião é uma grande festa antropofágica, é um ritmo que vai do pé, passa pelo quadril e se deleita no mastigar. Religião é paladar e dança. Vida é sexo e estômago”¹⁷.

A modo de conclusão, o autor retoma sua proposta inicial de afirmar que a religião não seria somente objeto de crítica, mas também sua fonte, mormente de forma endógena e, nem por isso, menos crítica. No final das contas, entendemos que a obra constitui um ensaio arrojado e vanguardista, que confere à religião autonomia enquanto objeto de pesquisa, o que julgamos sobremodo legítimo. Magalhães, ademais, outorga ainda à religião a dignidade de ser fonte autóctone de sua própria crítica. Com uma escrita a um tempo leve e densa, *Religião: crítica e criatividade* é uma leitura saborosa, aprazível e que, concomitantemente, proporciona saciedade aos ávidos pelo conhecimento acerca da religião e deixa um gostinho de quero mais, o que pode ensejar novas abordagens e, quiçá, novas pesquisas. Recomendamos aos leitores que degustem sem moderação essa obra saborosa e instigante.

Referências

ALVES, Ruben. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 2002.

MAGALHÃES, Antonio Carlos de Melo. *Religião: crítica e criatividade*. São Paulo: Fonte Editorial, 2012.

16.MAGALHÃES, 2012, p. 71.

17.MAGALHÃES, 2012, p. 76.